

## Práticas e Representações na Formação de uma Cultura do Trabalho

*Davi Felix Schreiner\**

O trabalho é sobretudo uma instituição simbólica cultural construída historicamente nas relações de poder que permeiam toda a sociedade. Por isso, a cultura, como demonstram os últimos trabalhos de E.P. Thompson, Michel Foucault, Eric Hobsbawn e Roger Chartier, é tão importante quanto as questões sócio-econômicas para as transformações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço.

Nas palavras de Roger Chartier, "as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio"<sup>6</sup>. Neste sentido, o cultural se torna primordial para uma investigação histórica sobre o "trabalho".

No extremo Oeste do Paraná, a colonização constituiu uma singularidade cultural complexa acerca do trabalho. Pela montagem da produção; ocupação do espaço geográfico; pela onipresença do imigrante teuto e italiano e, especialmente pelo discurso que exalta o trabalho e o desenvolvimento econômico e cultural, a honra e a ordem, podemos perceber a emergência de uma noção de trabalho na região. Expressões como "Aqui se trabalha", "O povo do Oeste é ordeiro e trabalhador" e os títulos de "Capital da Cultura" e "Capital do Trabalho" dados ao Município de Toledo confirmam e reafirmam um certo discurso em torno do trabalho.

Se nos reportarmos à fase da colonização da região, ou, hoje, incursionarmos pelo espaço da indústria, pelas vilas operárias e área rural, perceberemos a existência de festas, celebrações religiosas e torneios, relacionados com as atividades econômicas. É como se as pessoas, reunidas ou não, fossem ligadas pelo trabalho e este é constantemente celebrado pelos discursos "políticos" que giram em torno do trabalho. Se as limitações acerca destas

---

\* Davi Felix Schreiner, natural de: Peritiba, SC. Graduação em Filosofia - Facitol/ UNIOES (Universitário de Toledo/PR.), Especialização: "Lato sensu" em Correntes do Pensamento Filosófico-Político dos Séculos XIX e XX, Facitol/UNIOESTE -Toledo, em 1991, Ingresso no Mestrado em 1992. Trabalho apresentado no *XVII Simpósio Nacional de História* promovido pela ANPUH, de 19 a 23 de julho de 1993.

<sup>6</sup> - CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1990. p. 17.

questões precisam ser colocadas, por outro, é possível entrever uma noção de trabalho que se constitui com a construção e reconstrução de práticas e representações ao longo da história da região, o que nos possibilita pensar em uma cultura do trabalho.

Ao analisarmos os fragmentos que compõem o jogo de relações e de poder, que tornaram possível a trajetória cultural do trabalho no espaço a que nos referimos, é preciso também, historicizar a noção trabalho. Como Maria Odila L. da Silva, em *Teoria e Método dos Estudos Feministas*<sup>7</sup>, e Paul Veyne em, *Como se Escreve a História*<sup>8</sup>, entendemos que os conceitos não devem ser utilizados como um fim em si mesmos e que devem ser historicizados, pois eles possuem história.

### Noção de Trabalho

Ao historicizarmos a noção de trabalho, perceberemos que ela veio, ao longo da história, predominantemente ligada a uma visão negativa. Etimologicamente, a palavra refere-se a um aparelho de tortura formado por três paus, o que levou o termo a uma identificação com tortura, pena suplicio.

A representação do trabalho como sofrimento físico e tormento moral é manifesta na tradição cultural grega e do cristianismo, que mais contribuíram para a formação do pensamento ocidental.

Na Grécia o trabalho era uma atividade completamente privada, sendo o trabalho manual função dos escravos e a atividade intelectual, como no dizer de Platão, cabia aos melhores homens. Santo Tomás de Aquino, na Idade Média, procurou reabilitar o trabalho manual, afirmando que todos os trabalhos se equivalem. No entanto, a sua construção teórica não consegue dissimular a influência da visão grega ao valorizar a atividade contemplativa<sup>9</sup>.

Deve-se observar ainda, que "entre os gregos não havia designação específica para o trabalho, o que (...) não implicava na inexistência de uma noção de trabalho variável no decorrer do tempo (...)". Além disso, "...não se vê o trabalho com a perspectiva dos produtos

---

<sup>7</sup> - Ver: DIAS, Maria O. Leite da Silva. "Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano." In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 1992. p. 39-53. Segundo a autora, se existe uma teoria esta é da instabilidade dos conceitos. Dai historicizá-los.

<sup>8</sup> - VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. São Paulo: Edições 70, 1971.

<sup>9</sup> - ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 1989. pp. 55-68.

como expressão de um mesmo esforço humano criador de valor social"<sup>10</sup>. O que, aliás, só acontecerá a partir do pensamento moderno.

Na visão cristã, o trabalho é expressão de pena, castigo, suplício. Adão e Eva são expulsos do Paraíso e condenados ao trabalho:

"...maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida (...) comerás o teu pão com o suor do teu rosto..." (Gênesis 3, 17 e 19).

A negatividade do trabalho expressa na visão grega e do cristianismo, contrapõe-se a partir do século XIII, uma visão positiva. A contraposição não é de toda excludente, pois o sentido original do trabalho não deixa de existir. Segundo Jaques Le Goff, é neste século que "os pensadores fazem do trabalho o fundamento da riqueza e da salvação, tanto no plano escatológico, quanto no plano, diríamos nós, econômico (...)"<sup>11</sup>.

É neste contexto que, "através da mercantilização dos bens produzidos pelo trabalho, que esse mesmo trabalho sai da esfera privada e ganha publicidade. Quando ele adquire esta publicidade ele carrega também toda uma nova valoração enquanto atividade humana e reivindica para si a propriedade de ser capaz de garantir a permanência e a durabilidade do mundo dos homens. Nas atividades urbanas emergem grupos sociais, isto é, aliança de indivíduos que, colocando o trabalho como elemento de identificação comum, não só dão publicidade ao trabalho como também se diferenciam a partir de suas próprias representações"<sup>12</sup>.

Com as transformações sócio-econômicas-culturais, evidenciando-se a industrialização e o surgimento da burguesia, a sociedade passa a ser concebida como uma sociedade do trabalho. "Criar riqueza passa a ser o objetivo final da atividade humana e os termos sociedade e trabalho serão equivalentes"<sup>13</sup>. Assim, se nos reportarmos a Locke e a Adam Smith, encontraremos a "auto-representação da sociedade e do trabalho no final do século XVII como profundamente normativa, uma vez que essa positividade do trabalho como fundadora da sociedade não é absolutamente partilhada por aqueles que se reconhecem como trabalhadores"<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> - VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Apud FALCÃO, Luiz Felipe. *Visões do Trabalho: Dobraduras*. Dissertação de Mestrado. URGs, 1992.

<sup>11</sup> - LE GOFF, Jaques. *A Bolsa e a Vida*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 42. Apud FALCÃO, op. cit.

<sup>12</sup> - DE DECCA, Edgar Salvadori. *Trabalho X Sociedade*. Datiloscrito. p.3.

<sup>13</sup> - Idem. p.5.

<sup>14</sup> - Idem. p.

No Brasil, segundo Luiz Felipe Falcão, "a positividade do trabalho, compatível com o espírito capitalista que preside suas relações sociais", nunca foi de fácil aceitação. "Não que tal positividade esteja de todo ausente, como aliás não se cansam de acentuar os governantes, os veículos de comunicação, os livros didáticos, etc. Entretanto, a perversidade específica do capitalismo brasileiro parece residir em sua capacidade de enaltecer este ou aquele aspecto positivo do trabalho, sem se preocupar ao mesmo tempo com a superação de toda uma série de componentes negativos a ele associados pelas heranças do passado e pela vida cotidiana"<sup>15</sup>.

Portanto, qualquer abordagem dada à noção de trabalho no Brasil, demonstrará que representações conflitantes e até contraditórias, encontram-se inerentes numa mesma noção de trabalho.

### **Negatividade e Positividade Reunidas numa mesma Noção de Trabalho**

No extremo Oeste do Paraná, é possível perceber amalgamadas, em uma mesma noção de trabalho, a negatividade religiosa de trabalho - de sofrimento físico e tormento moral - bem como a positividade atribuída ao trabalho pelos pensadores modernos como Locke e Adam Smith, e, também, pela ética protestante. Além disso, identificam-se certas continuidades entre o discurso do colonizador e a noção de trabalho hoje.

Embora o espaço de investigação deste trabalho seja o Extremo Oeste do Paraná, nos limitaremos ao Município de Toledo. Toledo surgiu em 1946. Sua colonização foi cuidadosamente planejada e executada pela Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A (MARIPÁ), de Porto Alegre - RS. Ela foi montada para obter lucros com a venda de madeira e de terras e, também, para partilhar do desenvolvimento econômico subsequente da região. O plano básico dessa empresa é considerado avançado para a época, pois já pregava, como um dos seus cinco pontos básicos, a industrialização do Oeste Paranaense.

Assim, convém que se investigue a constituição de uma noção de trabalho, na referida região, a partir da escolha cuidadosa feita pela empresa dos futuros colonizadores. Estes viriam em sua maioria, do Oeste do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com descendência predominantemente européia. A preferência por estas etnias deu-se por serem consideradas como portadores de "mão-de-obra esmerada" e de "maior valor produtivo". Além disso, segundo o projeto de colonização da empresa MARIPÁ, "esse agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimação no país,

---

<sup>15</sup> - FALCÃO, op. cit. pp.7-8.

conhecedor de nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primado pela sua operosidade e pelo seu amor à terra em que trabalha, seria, portanto, o elemento humano predestinado a realizar grande parte desta tarefa"<sup>16</sup>. Ou seja, a tarefa de desenvolver a cultura e a economia da região.

Por isso, agricultores sem experiência na agricultura e organização cooperativa e que não fossem afeitos ao trabalho não eram selecionados.

A escolha de um tipo específico de mão-de-obra com características culturais comuns, pressupõe a exclusão de outros. Nesta perspectiva, não se fazia "propaganda ruidosa" porque "atrairia elevado número de indivíduos aventureiros e parasitas que nela entreveriam um meio de vida fácil as suas atividades desonestas. Seria bom retardar o máximo possível a penetração desses elementos para dentro de um setor novo e são"<sup>17</sup>. Em última análise, o que a empresa procura resguardar é o desenvolvimento econômico e cultural que na sua visão só pode acontecer com "homens sãos".

O Hino do Município de Toledo, intitulado *Toledo - Cidade Labor*, aponta para a existência de uma missão a ser cumprida por "homens laboriosos": efetuar o crescimento econômico e cultural do Município:

"Seja bem vindo trabalhador, nos ajude a crescer"

(Hino do Município de Toledo - Inanni Pinheiro)

Segundo Keith Deral Muller, a cuidadosa escolha dos colonizadores teria propiciado a Toledo, "as melhores características culturais que uma população possa ter"<sup>18</sup>. A mesma língua, costumes, a mesma terra de origem e o espírito comunitário são cimentos que ligaram os colonizadores entre si. Ainda hoje, salienta-se estes aspectos da população toledana, especialmente pelo poder público:

"...caracteriza a população toledana uma acentuada vocação ao associativismo, sendo tradição étnico-histórica a participação comunitária no processo de desenvolvimento sócio-econômico do município..."<sup>19</sup> (Prefeito Municipal).

<sup>16</sup> - NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de Colonização da Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A.*. Datiloscrito - Toledo, junho de 1955. p. 4.

<sup>17</sup> - Idem. p.5.

<sup>18</sup> MULLER, op. cit. p.102.

<sup>19</sup> - Correio do Oeste, nº 23 - 08/10/83. Toledo - PR.

Enfim, a escolha dos imigrantes contribuiu na constituição de singularidades culturais, que levaram a emergência de uma noção de trabalho no Extremo oeste do Paraná. Isto permite pensar a noção de trabalho na sua criação ao longo da trajetória cultural da região. É preciso dizer que se os colonizadores foram escolhidos e representados como "trabalhadores", "honestos" e "honrados"; estes, por sua vez, objetos destes discurso, elaboram um outro discurso a sua maneira e se representam por meio deste.

Por isso, diferentes representações incorporam a noção de trabalho no Extremo Oeste do Paraná. Estas representações podem ser auscultadas nos discursos oficiais, como por exemplo, da saudação em homenagem ao dia do Trabalho, do representante toledano, apresentada no decorrer do 4º Congresso Nacional de Municípios, no Rio de Janeiro. Esta saudação, à primeira vista parece ambígua, uma vez que retrata a visão cristã de trabalho, ou seja a negatividade, e, por outro a positividade de trabalho inerente ao pensamento da economia clássica.

Vejamos:

"Ao despontar a aurora do mundo, quando todas as coisas criadas começavam a desenvolver-se, Adão, o primeiro homem, tendo participado da desobediência de Eva às ordens de Deus, fez cair sobre si e a sua posteridade um castigo imutável, transformado em lei natural. Foi então a resolução Divina: Comerás o pão com o suor de teu rosto. Desde então o homem foi obrigado a arrancar da terra o pão de cada dia"<sup>20</sup>.

Aqui, o sentido religioso funde-se ao sentido positivo na medida em que a "lei divina se transforma em lei natural". A positividade do trabalho dada pelo pensamento iluminista incorpora a esta noção de trabalho o progresso econômico. O trabalho é visto, ao contrário da noção grega, como um esforço humano criador de valor social, à riqueza:

"O trabalho é o mistério do progresso dos indivíduos, das nações e das raças"<sup>21</sup>.

Se por um lado o trabalho é gerador de riqueza e eleva a civilização, por outro, ele não prescinde do caráter moral, característica da visão de trabalho na ética protestante. Para a ética protestante, incorporada ao espírito capitalista, o trabalho é um ato agradável a Deus. Ao indivíduo que não possui propriedades além da sua própria capacidade de trabalho, não resta alternativa senão vender esta capacidade de trabalho. Além disso, deve ser honesto e

20 - Ata da 1ª Sessão da 3ª Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Toledo - 13/05/1957.

21 - Idem

trabalhar com amor, pois se existe sofrimento, existe também o consolo e a esperança de partilhar da herança, do paraíso celeste:

"Todo o trabalho possui, em última análise, uma finalidade econômica, não prescindindo porém, do seu caráter moral".

E,

"O homem que trabalha sente por toda a parte a esperança e o esforço, o que é bastante para consolá-lo"<sup>22</sup>.

A equivalência entre o conceito de sociedade e trabalho encontra-se expressa nesta noção de trabalho. O trabalho é identificado como "força construtora da civilização", dos "indivíduos" e das "raças". É possível verificar também, uma equivalência na relação estabelecida entre trabalho e indivíduo, na medida em que este vale na proporção de seu trabalho:

"O trabalho é o que o homem possui de mais nobre, mais elevado, mais glorioso. O trabalho alcança, para o homem, não só o dinheiro do comer, mas o de ser respeitado. Revela ao homem toda a sua dignidade".

E,

"... Pelo trabalho se conhece o homem. (...) O homem vale na proporção de seu trabalho (...)"<sup>23</sup>.

Por fim, unidas em uma só afirmativa a visão religiosa e a visão positivista do trabalho. Além disso, a relação estabelecida entre trabalho e corpo humano - o bem estar espiritual e do ser físico.

"Entoemos um hino ao trabalho e ao trabalhador. Ao trabalho que é a segurança do indivíduo e da família; ao trabalhador que é a prosperidade da sociedade, o engrandecimento da nação e é agradável a Deus(...). Viver significa prosperar e crescer em todas as partes de nosso ser: coração, consciência, cérebro, em tudo quanto nos torne mais forte e maior. Quanto mais elevada e preciosa for a vida do homem, tanto mais importante é o seu trabalho"<sup>24</sup>.

Portanto, nas falas apresentadas estão conjugadas três atribuições dadas ao trabalho: a função da sobrevivência do indivíduo e da família; a de valor social (crescimento econômico e moral da sociedade); e, a atribuição espiritual - pelo trabalho o homem se aproxima de Deus.

---

22 - Idem.

23 - Idem.

24 - Idem.

Convém frisar, que as falas analisadas até aqui, são anteriores à década de 70. A expressão "Trabalho", até este momento, referia-se basicamente à atividade agrícola, na pequena propriedade rural pelo colono, que foi a forma de colonização da região. Nesta perspectiva o discurso exaltava o homem ordeiro, honrado e trabalhador

No rol das mudanças sócio-econômicas da década de 70 e 80, constituiu-se um outro discurso, reelaborado e redimensionado - trabalho, disciplinamento, normatização dos indivíduos para o trabalho. O modelo de produção capitalista modificou-se com a mecanização e o surgimento de empresas agroindustriais. As famílias, antes pequenas proprietárias rurais, expulsas do campo, ingressam nas empresas como forma de proverem a subsistência, ou de manter a forma concebida de sobrevivência. Trata-se do modelo fábrica-vila operária, utilizado especialmente nas regiões agrícolas em industrialização.

Reflexões iniciais sobre o modelo fábrica-vila operária, nos indicam que a exploração da mão-de-obra acontece pela proletarização da família inteira, direta ou indiretamente. A totalidade da existência do trabalhador e de sua família é organizada em função do trabalho a ponto de se confundirem trabalho e família numa mesma identidade<sup>25</sup>. Na reflexão de Paoli, significa: "aliciando a mão-de-obra do campo pela contratação da família inteira, fazendo esta submeter-se ao ritmo de trabalho industrial e tendo para isto que redefinir os papéis familiares"<sup>26</sup>.

No Extremo Oeste do Paraná, com a emergência de um novo contexto sócio-econômico se forja a reconstrução do discurso do trabalho que é situado em outro patamar nos pronunciamentos oficiais e empresariais. E, é claro, não deixou de incorporar as tradições culturais dos trabalhadores rurais, agora, operários.

No entanto, para realizar a integração do trabalhador rural ao assalariamento não bastou apenas expropriá-lo, pois a expropriação, por si só, não poderia apenas conduzir estes agentes sociais a alternativas de sobrevivência outras que não fossem aquelas desejadas pelos donos do capital. Delineia-se então, um processo social com lutas e resistências, nem sempre facilmente perceptíveis, pois encontram-se fragmentadas e dissimuladas nos diferentes discursos e práticas quer dos trabalhadores rurais - agora operários -, dos empresários e do poder público. Este processo levou a configuração de novas relações sociais e de poder no espaço a que nos referimos.

<sup>25</sup> - Sobre trabalho e família ver: PROST, Antoine. O Trabalho. In: *História da Vida Privada*, Vol V. São Paulo: Schwarcz, 1992. pp. 21-61.

<sup>26</sup> - PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros. In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade Operária*. Rio de Janeiro: UFRJ(Museu Nacional); São Paulo: Marco Zero. 1987. p. 79.

Podemos ainda dizer que a imersão do trabalhador rural expropriado passa por dois movimentos essenciais, simultâneos e não-excludentes: a construção de representações formadoras de uma outra noção de trabalho e, as práticas de vigilância e repressão contínuas exercidas pelas empresas e autoridades públicas, policiais e judiciárias.

Para viabilizar o controle dos trabalhadores, a disciplina ocupa um papel importante na indústria e fora dela. A disciplinarização tem por objetivo a formação de uma coletividade a ser gerida racionalmente. Por isso, a existência das práticas corretivas e normativas das instituições.

Para Foucault, todas as instituições têm por objetivo integrar o indivíduo a um "processo de produção, de formação ou de correção dos produtores." Ou seja, "fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens". É extrair o máximo de tempo possível do indivíduo em vista da produção. Nas palavras de Foucault, significa:

"Que o tempo de vida se torne tempo de trabalho, que o tempo de trabalho se torne força de trabalho, que a força de trabalho se torne produtiva ..."<sup>27</sup>.

Para normalizar o indivíduo as instituições recorrem a mecanismos de controle que procuram formar, corrigir o corpo, fazendo-o adquirir qualidades, ou seja, quantificá-lo e qualificá-lo para o trabalho.

As citações a seguir, extraídas da *Revista Integração*, publicada pelas Organizações Sadia a qual todos os funcionários recebem "gratuitamente", portanto, também os da Frigobrás, empresa do grupo em Toledo (situado entre os maiores frigoríficos da América Latina, com mais de 4.500 funcionários), confirmam um discurso de normalização do trabalhador:

"Se o faz de sua atividade um sacrifício, estará adoecendo, contaminando sua equipe e sua empresa e é, certamente, um sério candidato ao stress e aos acidentes de trabalho"

E, ainda,

"Quem ama o trabalho, por mais humilde e simples que este seja, terá a força de vontade lhe impulsionando a ação, que lhe proporcionará alternativas de desenvolvimento. O amor trará prazer e saúde para o corpo e para a alma"<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> - FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Tr. Roberto Cabral de Melo Machado e outros. Rio de Janeiro: *Cadernos da PUC*. Série Letras e Artes - 6/74, Caderno nº 16, 1979. p. 98.

<sup>28</sup> - *Revista Integração* - Fundação Atilio Francisco Xavier Fontana / Junho de 1991. Coluna Opinião - s/p.

Torna-se importante salientar que, se por um lado os operários são objetos deste discurso, por outro lado, se apropriam deste, a sua maneira, constituindo-se como sujeitos na medida em que elaboram um outro discurso, próprio, diferenciado.

Enfim, as reflexões iniciais que estão encaminhando a nossa pesquisa apontam para a emergência de uma noção de trabalho no Extremo Oeste do Paraná, que se vincula à formação de uma cultura do trabalho na região. A constituição desta noção de trabalho se faz na construção e reconstrução de práticas e representações que são perceptíveis nos discursos oficiais, do empresariado e dos trabalhadores .

No entanto, para entender uma noção de trabalho, não basta percorrer os discursos nos seus encadeamentos internos e desconstruí-los a partir de suas representações. É preciso estudar os discursos, que sempre são produzidos nas relações de poder, como construtores de sujeitos. E, os sujeitos como construtores de discursos. Desta forma, as práticas e representações do empresariado e do poder público, e, as práticas e representações próprias e diferenciadas dos trabalhadores convergem para a formação de uma cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná.